



**DEBATES  
EM EDUCAÇÃO**

ISSN: 2175-6600

Vol. 9 | Nº. 18 | Mai./Ago. | Ano 2017

**Marco Aurélio Cosmo Machado**

*Centro Universitário CESMAC*

marcoareliocosmomachado@hotmail.com

## **AS VISÕES OPRESSORA E LIBERTADORA EM PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016. 288 p.

**DOI:** 10.28998/2175-6600.2017v9n18p232

A obra “Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire, apesar de ter sido originalmente publicada em 1974, mostra-se, ao meu ver, de uma atualidade inegável, sobretudo ao considerarmos o nosso cenário sociopolítico pouco favorável à docência progressista e que ainda há opressão no mundo. Com várias influências, dentre elas o existencialismo, a fenomenologia e o marxismo, Freire exibe um enorme esforço de síntese que não se limita em reproduzir sectariamente os elementos fundamentais dessas doutrinas, pelo contrário, integra-as de maneira a formular um pensamento rico que se desdobra sobre a condição humana e a nossa necessidade de libertação. Por essas razões que decidi elaborar este texto, pois, para mim como educador, a leitura de Paulo Freire é indispensável para que possamos refletir sobre as nossas práticas pedagógicas, sobretudo numa sociedade em que as relações de poder se mostram, cada vez mais, tão díspares.

Agora, em sua 60ª edição comemorativa de aniversário, publicada em 2016 pela editora Paz&Terra, somos convidados a imergir no pensamento de Freire mais uma vez. O livro é dividido em quatro capítulos, sendo eles: “Justificativa da pedagogia do oprimido”; “A concepção “bancária” da educação como instrumento da opressão. Seus pressupostos, sua crítica”; “A dialogicidade: essência da educação como prática da liberdade”; e “A teoria da ação antidialógica”, respectivamente. O autor, no decorrer do texto, utiliza-se das contradições opressor-oprimido e educador-educando, que precisam ser superadas para que a libertação do homem ao ser mais seja, de fato, efetivada.

Ao adentrarmos nos escritos de Freire, em seu primeiro capítulo, intitulado “Justificativa da pedagogia do oprimido”, deparamo-nos com a seguinte afirmação: “Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão” (FREIRE, 2016, p. 62). Sendo que apenas a possibilidade de humanizar-se é “vocação” dos homens, pois a desumanização – possibilidade, mas não vocação –, induz o homem ao ser menos, enquanto a primeira abre as portas do ser mais. O autor justifica essa concepção ao dizer que se a desumanização fosse vocação histórica, nada mais teríamos que fazer, senão viver neste pandemônio, sem esperanças.

Essa busca do ser mais, segundo Freire, parte da necessidade de os homens se libertarem. Para tanto, o autor perpassa dois conceitos: o do ser oprimido e o do ser opressor. O oprimido, em sua liberdade usurpada, tem sua possibilidade de humanizar-se destruída, pois ele é vítima de uma violência constante. Freire (2016, p. 81) assevera: “Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão”. Em relação aos opressores, o autor expõe que eles veem os oprimidos como os que desamam. Nunca o opressor se vê como

a causa da opressão, pois, para ele, são sempre os oprimidos, “os outros”, que iniciam essa opressão.

Paulo Freire também discorre sobre a generosidade do opressor para com os oprimidos. O opressor se faz de generoso, porém, sob uma falsa generosidade, uma vez que extrai dos oprimidos o próprio objeto de sua “generosidade”. Esse ato só se torna verdadeiro quando o opressor deixa de ver os oprimidos como coisas, e passa a enxergá-los como “homens concretos, injustiçados e roubados” (FREIRE, 2016, p. 72). Entretanto, para que essa mudança ocorra, é preciso que os oprimidos tomem consciência de sua condição cerceada, do ser menos. Para tanto, é necessário rebelarem-se, porque o ato de rebelião dos oprimidos é, por mais paradoxal que pareça, a única maneira de libertarem-se, sendo esse um ato de amor que freia a opressão. O autor explica: “Os oprimidos de ontem, que detêm os antigos opressores na sua ânsia de oprimir, estarão gerando, com seu ato, liberdade, na medida em que, com ele, evitam a volta do regime opressor” (p. 83). Mas Freire alerta o seguinte: “No momento, porém, em que o novo poder se enrijece em “burocracia” dominadora, se perde a dimensão humanista da luta e já não se pode falar em libertação” (p. 83).

Todo esse processo de libertação embasa o que Paulo Freire chama de Pedagogia do Oprimido, ou Pedagogia do Homem, Problematizadora. Para que os oprimidos sejam conscientizados de sua condição, é preciso que essa consciência floresça a partir deles mesmos. É preciso, sobretudo, “que creiamos nos homens oprimidos. Que os vejamos como capazes de pensar certo também” (FREIRE, 2016, p. 97).

No segundo capítulo, intitulado “A concepção “bancária” da educação como instrumento da opressão. Seus pressupostos, sua crítica”, somos convidados a refletir sobre como o sistema educacional, calcado numa concepção de depósito de conhecimento, desfavorece a busca do homem ao ser mais, fortalecendo a condição opressora e o inevitável reducionismo do homem ao ser menos. Aliás, essa concepção de “depósito” é o que leva Freire a nomear uma educação que visa somente à transmissão de conteúdos acabados aos seus alunos de “educação bancária”. Bancária porque limita-se na doação, nas palavras de Freire, dos conhecimentos dos educadores – seres detentores do saber – àqueles que nada sabem – educandos vazios a serem enchidos de conteúdo. Freire assevera: “Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação” (FREIRE, 2016, p. 104-5).

Essa é uma educação que só pode viabilizar a condição de oprimido, visto que nela “o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que

se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância” (FREIRE, 2016, p. 105). Em contrapartida, a Pedagogia do Oprimido – pedagogia do Homem – oferece-nos uma educação, segundo Freire, problematizadora. Problematizadora porque busca superar as contradições educador-educando e educando-educador, ao considerar que tanto o educador quanto o educando devem construir juntos o conhecimento. Essa última pedagogia considera o homem como ser dialógico, que se faz a partir do outro. O que está em xeque não é a transmissão pura do conteúdo estático e inanimado, e sim a construção do saber que possibilite a transformação, que esteja vinculado à realidade dos educandos, fazendo-se, assim, significativa. Para Freire, enquanto a “educação bancária” desconsidera a dialogicidade do sujeito no processo educativo, a educação problematizadora o liberta através do diálogo, inerente à condição humana.

Em seu livro, o terceiro capítulo, intitulado “A dialogicidade: essência da educação como prática da liberdade”, leva-nos a refletir sobre o diálogo como ponte para a comunhão entre os homens. Esse diálogo, segundo Paulo Freire (2016), só pode existir quando nós nos reconhecemos nos outros. Quando temos “uma intensa fé nos homens” (p. 138). Pois “a fé nos homens é um dado a priori do diálogo” (p. 139).

O autor continua, ao comparar a antidialogicidade da educação “bancária” com a dialogicidade da educação problematizadora. Na primeira, o educador bancário não permite que o educando busque as respostas dos problemas, pois, na verdade, não há sequer um problema a ser refletido. O educador bancário, em sua falsa concepção de homem, problematiza apenas os conteúdos que lhe convém, desconsiderando o educando como sujeito dialógico, que pensa e que tem algo a oferecer. Na segunda, o educador problematizador, consciente da situação concreta dos homens – seres inacabados, históricos –, utiliza-se das vivências dos educandos, realizando assim uma “devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada” (FREIRE, 2016, p. 142).

Nessa educação problematizadora, o educador norteia a sua prática através de temas geradores que emergem da vivência dos educandos, pois “o tema gerador não se encontra nos homens isolados da realidade, nem tampouco na realidade separada dos homens. Só pode ser compreendido nas relações homens-mundo” (FREIRE, 2016, p. 163). Dessa forma, os educandos se tornam partícipes de sua educação: “Quanto mais assumam os homens uma postura ativa na investigação de sua temática, tanto mais aprofundam a sua tomada de consciência em torno da realidade e, explicitando sua temática significativa, se apropriam dela” (p. 164). Essa investigação, continua Freire, se dá pela colaboração

entre educador e educando, pois quanto mais o educador “investiga o pensar do povo com ele, tanto mais nos educamos juntos. Quanto mais nos educamos, tanto mais continuamos investigando (p. 169).

No último capítulo, intitulado “A teoria da ação antidialógica”, Freire reafirma a dicotomia entre o líder e os seus liderados na prática opressora/ dominadora, ao dizer que nela o líder age em seu quefazer enquanto os liderados apenas seguem ordens daquele, reduzindo a ação da massa ao puro fazer. Reafirma também que a liderança autêntica, libertadora, deve manter o diálogo constante com o povo, como “atores em intersubjetividade, em intercomunicação” (FREIRE, 2016, p. 201). É no diálogo que os homens atuam no mundo, dessa forma, “a liderança não pode pensar sem as massas, nem para elas, mas com elas (p. 205).

Com isso, o autor postula duas bases teóricas: uma para a ação antidialógica, outra para a ação dialógica. Começamos pela primeira.

Paulo Freire sugere quatro dimensões fundamentais para a ação antidialógica: a conquista; o dividir para manter; a manipulação; e a invasão cultural.

A ação conquistadora reifica os homens, transforma-os em coisas. Procura a “manutenção do status quo” (FREIRE, 2016, p. 217). Os opressores conquistam as massas pelos comunicados, depósitos de mitos, que nada tem a ver com a real comunicação. Freire exemplifica: “O mito do direito de todos à educação, quando o número de brasileiros que chegam às escolas primárias do país e o dos que nelas conseguem permanecer é chocantemente irrisório” (p. 217).

No dividir para manter a opressão, Freire aduz que os opressores encontram na divisão das massas a sua força: “Na medida em que as minorias, submetendo as maiorias a seu domínio, as oprimem, dividi-las e mantê-las divididas são condição indispensável à continuidade de seu poder” (FREIRE, 2016, p. 219). E essa necessidade de dividir “se manifesta em todas as ações da classe dominadora” (p. 223).

A manipulação – instrumento da conquista – ocorre através dos mitos implantados pelos opressores nos oprimidos para “conseguir um tipo inautêntico de “organização”, com que evite o seu contrário, que é a verdadeira organização das massas populares emersas e emergindo” (FREIRE, 2016, p. 228-9).

A última dimensão da ação antidialógica é a invasão cultural que é a “penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão” (FREIRE, 2016, p. 234). Para os invasores – opressores, dominadores, educadores bancários –, os invadidos – oprimidos, dominados, educandos vazios – são seres com uma “ignorância absoluta”,

restando a eles “receber [dos invasores] os seus ensinamentos” (p. 240). Assim, conclui Freire: “Os invasores atuam; os invadidos têm a ilusão de que atuam, na atuação dos invasores” (p. 235).

Na base teórica da ação dialógica, Paulo Freire postula quatro dimensões, assim como na ação antidialógica, que são antagônicas a esta. São elas: a co-laboração; o unir para a libertação; a organização; e a síntese cultural.

A co-laboração, segundo Freire, poderá somente se fazer real pela comunicação. Esta implica o diálogo. No diálogo, o “eu” se vê no “tu”, o homem se enxerga no outro, pois ambos são constituídos do outro. Assim, “o eu e o tu passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois tu que se fazem dois eu” (FREIRE, 2016, p. 257). Ao se ver no outro, o sujeito se reconhece como tal, e é nessa relação dialógica que culmina a comunicação, sendo através desta que os homens co-laboram, nas palavras de Freire, em comunhão.

No unir para a libertação, “a liderança se obriga ao esforço incansável da união dos oprimidos entre si, e deles com ela, para a libertação” (FREIRE, 2016, p. 265). Essa dimensão implica a relação dialógica entre os homens.

Na dimensão da organização – instrumento da co-laboração –, “os atores se integram com os homens do povo, atores, também, da ação que ambos exercem sobre o mundo” (FREIRE, 2016, p. 278), pois, “ao buscar a união, a liderança já busca, igualmente, a organização das massas populares” (p. 273). Essa dimensão contrapõe-se com a manipulação, uma vez que esta objetiva a divisão das massas para melhor controlá-las, enquanto a organização busca unir as massas para se fortalecerem na co-laboração.

Por fim, Freire conclui a sua obra com a dimensão da síntese cultural. Opondo-se à invasão cultural que busca sobrepor a visão de mundo dos invasores a dos invadidos, a síntese cultural, pelo contrário, proporciona a ação da liderança e das massas como resultado da interação entre ambos. Freire explica: “O saber mais apurado da liderança se refaz no conhecimento empírico que o povo tem, enquanto o deste ganha sentido no daquele” (FREIRE, 2015, p. 280). E continua: “na síntese cultural, se resolve – e somente nela – a contradição entre a visão de mundo da liderança e a do povo, com o enriquecimento de ambos” (p. 280).

Dessa forma, a obra *Pedagogia do Oprimido* mostra-se uma leitura de imensurável importância, sobretudo, ao meu ver, na formação docente, visto que é preciso, em tempos tão incertos, munir os professores de um arcabouço teórico que os convide à reflexão sobre o seu real papel como educador. Assim, a leitura do grande esforço de síntese de Freire, mesmo após mais de quatro décadas desde a sua primeira publicação em 1974, vem se

tornando um imperativo, pois os elementos elencados nessa obra são, para mim como educador, essenciais para a compreensão da condição humana e das relações dialógicas que permeiam a sociedade, sendo uma obra que ainda atende às necessidades fundamentais da educação.